

Fiesp: superávit pode ajudar a economia.

Luiz Eulálio Vidigal, presidente da Fiesp, acha que o superávit do Brasil pode superar a previsão em US\$ 2 bilhões, o que pode permitir mais importações.

O presidente da Fiesp, Luiz Eulálio Vidigal, afirmou ontem à tarde que o crescimento de 4,3% da indústria paulista verificado em janeiro deverá persistir até o final do semestre. Mas nada garante que será definitivo, disse ele, lembrando que até agora não houve reaquecimento do comércio.

Ao término da reunião de ontem do CSE (Conselho Superior de Economia da Fiesp, composto de empresários da indústria, comércio, agricultura, setor financeiro e economistas), Vidigal disse que "já se acredita num superávit superior aos nove bilhões de dólares previstos para este ano. Prevê-se alguma coisa ao redor dos 11 bilhões de dólares", o que daria uma boa folga ao governo e ao setor privado, "uma vez que haveria dois bilhões de dólares a mais, não previstos nos acordos com o FMI".

O "estouro do superávit" somado com o crescimento previsto no orçamento fiscal e o bom desempenho da agricultura poderão viabilizar a aplicação de mais recursos na indústria e permitir um pequeno aumento das importações. O superávit será conseguido graças ao crescimento real das exportações.

Agora, a grande preocupação dos empresários é com a inflação. "Para minha surpresa, o governo conseguiu controlar a base monetária, o déficit público e superar a meta das exportações sem uma nova máxi. Agora, a queda da inflação depende de todos nós, mas em especial do governo. Se todos tiverem juizo, a inflação começará a baixar talvez já neste mês de março."

Em síntese, o governo deve segurar seus preços, evitar especulações na comercialização agrícola no meio da safra, e não fazer "bobagens" que comprometam os estoques reguladores. O superávit fiscal servirá para liquidar alguns atrasos e ajudar o setor privado, sem mexer no orçamento monetário.

É preciso acabar com a prática de reajustes mensais de 10% nos preços e jogar todos os esforços para uma reversão de fatores psicológicos que mantêm alta a inflação. Se o governo tivesse controlado o déficit público há mais tempo, a recessão não estaria no seu quarto ano.

Ele acha que o controle de preços é apenas um acerto final, porque os preços já estão deprimidos e regulados pelo mercado. O governo não se preocupa atualmente com a "inflação de demanda", porque "sabe que, se apertar mais a indústria, ela quebra".

A recontratação de pessoas demitidas criou um clima positivo: as pessoas retiraram um pouco da poupança e voltaram a consumir. Quanto aos juros altos, este "problema ainda persiste". No entanto, "a folga obtida pelo governo em outras áreas (superávit fiscal, por exemplo) pode gerar alguma queda no custo do dinheiro".

Metalúrgicos

O Grupo 14 da Fiesp esteve reunido ontem com as lideranças dos metalúrgicos do ABC e dos sindicatos do Interior, e marcou para hoje, a partir das 14 horas, a entrega da contraproposta patronal que será avaliada pelas assembleias de trabalhadores, ainda até o fim desta semana.

Segundo a Fiesp, a proposta patronal persistirá em índices de reajuste diferenciados para as micro, pequenas, médias e grandes empresas. Isto também valerá para o piso salarial, o que não está previsto em lei. Por esta razão, a Fiesp fará outras propostas como um abono de emergência. O Grupo 14 pretende também obter um acordo diferenciado, segundo o tamanho das empresas, para o cumprimento de obrigações sociais e de política salarial. Roberto Della Mana, diretor do Departamento Intersindical, disse ontem no final da tarde que está confiante num acordo entre os metalúrgicos. "Nós não estamos radicalizando e apresentamos uma contraproposta que interessa aos dois lados."